

Uma preta periférica no poder: possíveis *ethé* e representações evocados por Áurea Carolina / *A Black and peripheral in Power: possible *ethé* and representatons revealed by Áurea Carolina*

Leila Marli de Lima Caeiro *

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (Posling) do Centro federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-7155-7354/plo2453654>

Andrey Ricardo Azevedo**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (Posling) do Centro federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Recebido em 13 abril 2019. Aprovado em: 03 maio 2019.

Como citar este artigo:

CAEIRO, Leila Marli de Lima; AZEVEDO, Andrey Ricardo. Uma preta e periférica no poder: possíveis *ethé* e representações evocados por Áurea Carolina. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 8, n. 4, dez. 2019, p. Port. 138-155 / Eng. 126-143. ISSN 2317-2347.

RESUMO

Este trabalho procura refletir, sob o prisma da Análise do Discurso (AD), acerca de duas entrevistas concedidas por Áurea Carolina após ser eleita vereadora, com votação expressiva, por Belo Horizonte/MG em 2016. A análise das falas dessa mulher jovem, negra, de periferia e “sem apadrinhamento político” nos leva à impressão de estarmos diante de uma “nova forma de fazer política”. Dentro de tal ótica, a proposta foi tentar compreender como as representações sociais e os imaginários podem estar presentes no *ethos* construído pela vereadora nessa escalada ao poder. Áurea surge na cena política com uma “campanha coletiva da multiplicidade”, valendo-se de discursos que pautavam o direito à identidade, o igualitarismo e a solidariedade, o que para Charaudeau (2006) coincide coma construção de um imaginário da “soberania popular” (mito da democracia). Nesse contexto, percebe-se a demanda de uma coletividade por um tipo específico de liderança, um *ethos* em certa medida coincidente com a imagem que a vereadora deixa transparecer. Tal percepção nos mostra que os imaginários, também circulantes em torno desse sujeito político, envolvem a crença de que a sua proximidade com as classes menos favorecidas pode legitimá-la como representante desses grupos.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; *Ethos*; Representações sociais; Discurso político.

ABSTRACT

This work seek storeflect, from the perspective of Discourse Analysis (AD), about two interviews granted by Áurea Carolina after being elected councilor, withan express vote, by Belo Horizonte / MG in 2016. The analysis of the statements of this young black woman, periphery and "no political sponsorship" leads us to the impression that we

*

 leila.caeiro@gmail.com

**

 andrey.azevedo10@gmail.com



<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v8i4.1337>

are facing a "new way of doing politics". Within this perspective, the proposal was to try to understand how the social representations and the imaginary ones can be present in the ethos constructed by the alderwoman in this escalation to the power. Aurea emerges on the political scene with a "collective campaign of multiplicity", using discourses that govern the right to identity, egalitarianism and solidarity, which for Charaudeau (2006) coincides with the construction of an imaginary of "popular sovereignty" (Myth of democracy). In this context, one perceives the demand of a collectivity for a specific type of leadership, an ethos to some extent coincident with the image that the councilor reveals. Such perception shows us that the imaginaries, also circulating around this political subject, involve the belief that its proximity to the less favored classes can legitimize it as representative of these groups.

KEYWORDS: Discourse analysis; Ethos; Social representations; Political speech.

1 Introdução

Temos como proposta neste trabalho analisar, sob a luz da Análise do Discurso (AD), duas entrevistas concedidas por Áurea Carolina em outubro de 2016, logo após ela ter sido eleita vereadora com mais de 17 mil votos, fato inédito na história política Belo Horizonte. As diferentes entrevistas foram publicadas nos sites do "Brasil de Fato MG" e da revista "Fórum",¹ e a escolha pela divulgação feita nesses dois veículos de comunicação se deve ao fato de que não fazem parte de grandes grupos empresariais, suscitando nosso interesse pelo discurso proposto, o que pode justificar, inclusive, os eventuais posicionamentos ideológico-discursivos presentes nas próprias questões levantadas pelos repórteres entrevistadores. A primeira entrevista foi veiculada em 03 de outubro de 2016 ao site de notícias "Brasil de Fato" sob o título "A mulherada preta e periférica tem poder", afirma vereadora mais votada de BH. A segunda entrevista intitulada "Ainda que poucas, nós resistimos", diz Áurea Carolina, vereadora negra mais votada em BH, foi concedida à revista digital "Fórum", no dia 06 de outubro de 2016.

Com o intuito de situar discursivamente nosso objeto de estudo, o que para Charaudeau caracteriza uma situação de comunicação, não podemos deixar de destacar o momento político em que Áurea Carolina fora eleita. A então candidata pelo PSOL (Socialismo e Liberdade)² conquistou um lugar na Câmara da capital mineira em meio a um ambiente marcado por condições tanto pessoais, quanto conjunturais e políticas teoricamente desfavoráveis e/ou atípicas. Do ponto de vista pessoal, o feito de Áurea chama a atenção por certo ineditismo no

¹ O Brasil de Fato (BdF) é um site de notícias e uma radioagência. Autointitulado plural e diversificado, reúne jornalistas, articulistas e movimentos populares do Brasil e do mundo. Fonte: QUEM SOMOS. Brasil de Fato (BdF). Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/quem-somos/>> Acesso em: 24. fev. 2017.

A Revista Fórum traz matérias, reportagens e entrevistas que buscam uma visão de mundo diferente da presente nos grandes meios de comunicação tradicionais. Fonte: Fórum. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/sobre-a-revista/>> Acesso em: 24. fev. 2017.

²A partir de dissidência com o Partido dos Trabalhadores (PT), o PSOL foi criado com o intuito de representar um "novo e histórico" momento para o país e para a esquerda socialista, mantendo bandeiras das classes trabalhadoras e oprimidas, abrindo caminho para uma alternativa de esquerda consequente, socialista e democrática.. Programa do PSOL. Disponível em: <<http://www.psol50.org.br/partido/programa/>>. Acesso em: 30. Abr. 2017.

meio político, especialmente por acumular as características de ser jovem, negra e vir da periferia; já a façanha da candidata nos meandros do poder político em si está, entre outros aspectos, em conseguir se eleger sem gastos consideráveis de campanha, sem recorrer a herança e/ou apadrinhamento políticos, como tradicionalmente acontece no Brasil.³ Outro aspecto que desperta a atenção na vitória de Áurea está na própria conjuntura política em que ocorre a sua eleição (ano de 2016), um período marcado pelo afastamento de uma representante máxima do executivo nacional (Dilma Rousseff) e pelo agravamento de um cenário de crise nas esferas política, econômica e ideológica, principalmente, fatores que ocasionaram, entre outros efeitos, uma descrença nos discursos tradicionais (o que pode ser constatado, por exemplo, pelo alto número de votos nulos, brancos e abstenções nas eleições municipais de 2016) e o retorno de pautas e candidatos com postura mais conservadora.⁴

Tendo em vista tal cenário, buscamos estudar então as diferentes falas de Áurea sob o prisma da AD levando-se em conta a Teoria Semiolingüística, de Patrick Charaudeau. Assim, procuramos no trabalho verificar como as representações sociais e os imaginários podem estar presentes no *ethos* construído pela vereadora eleita. Considerando as especificidades do discurso político em si, inspiramo-nos em categorias analíticas propostas por Charaudeau para nos debruçar sobre o objeto em questão, seja com a intenção de num primeiro momento localizar em quais grupos de *ethé* (plural da palavra *ethos*), credibilidade ou identificação, estariam enquadradas as falas da vereadora, seja, a partir desse olhar inicial, para estimar possíveis representações e imaginários sociodiscursivos evocáveis de tais falas.

Diante de tal proposta, vemos que nossa análise perpassa a percepção de vozes muitas vezes invisibilizadas e marcadas pela falta de representatividade política. No caso específico aqui estudado, no entanto, o resultado das urnas colocou em evidência uma representante dessas minorias ou os “subalternos”, na perspectiva de Spivak (2010), que usa o termo para se referir a grupos com menor representatividade política e social. Posto isso, destacamos que propor uma análise discursiva dessas falas de Áurea Carolina consiste, entre outros aspectos, em tentar identificar os principais imaginários circulantes nesses grupos e o universo onde eles se situam, levando-se em conta a imagem de si que a candidata deixa emergir.

³ Hoje no Brasil, por exemplo, metade dos atuais deputados herdaram seus mandatos de parente.

Fonte: PÚBLICA, Agência. Herdeiros de políticos ocupam metade da Câmara. Site Congresso em Foco. 2016. Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/herdeiros-de-politicos-ocupam-metade-da-camara/>> Acesso em: 02. mar. 2017.

⁴ Fonte: 2006, Eleições. Segundo turno confirma guinada à direita e conservadora. Folha UOL. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes-2016/2016/10/1827871-segundo-turno-confirma-guinada-a-direita-e-conservadora.shtml>> Acesso em: 24. fev. 2017.

2 Sobre o *ethos* no discurso político

Apesar de não tratarmos neste artigo de uma situação em que Áurea aparece como candidata em busca de votos, mas, ao contrário, como vereadora (já eleita) em uma condição de entrevistada, percebemos, ainda assim, que estudos de Charaudeau (2006) acerca dos possíveis *ethé* que envolvem o sujeito político podem ser aqui coerentemente discutidos e analisados. Para o autor, os candidatos, no desejo de conquistar a preferência do eleitorado, valem-se de estratégias discursivas voltadas à construção de uma imagem de si que seja crível aos olhos do seu público e que, ao mesmo tempo, seja capaz de criar laços de identificação com essas pessoas.

Segundo Charaudeau, em meio a esse jogo de estratégias típico do discurso político, torna-se difícil estabelecer uma fronteira entre o *ethos* e as ideias defendidas por determinado sujeito político, já que o processo de construção de imagem reside, entre outros aspectos, na própria maneira com que são apresentadas essas ideias. Com base nesse olhar, as ideias pouco valeriam se não estivessem associadas a um sujeito que passasse credibilidade e, ao mesmo tempo, servisse como suporte de uma identificação. Nesse sentido, a qualidade de um candidato ser crível deve vir associada à crença no seu “poder de fazer”; já o aspecto da identificação vem ancorado na premissa de que para haver adesão a ideias, deve-se aderir antes à própria pessoa do sujeito falante. A partir dessas nuances estratégicas do discurso político, Charaudeau (2006) vê o surgimento de figuras identitárias que acabam formando duas grandes categorias de *ethos*, utilizadas neste trabalho, que são os *ethé* de credibilidade e os *ethé* de identificação.

Como estamos aqui lidando com uma candidata que ganhou grande visibilidade nas eleições de 2016, especialmente na cidade de Belo Horizonte, mas que até então não era conhecida por boa parte das pessoas na cena política, definimos como válida também para este estudo uma reflexão em torno de parâmetros que nos permitam contrastar, comparativamente, elementos que possam caracterizar um *ethos* pré-existente de Áurea Carolina e outro, mais estratégico e construído discursivamente.

2.1 Estratégias de identificação e/ou credibilidade?



Para Charaudeau, a credibilidade não está relacionada, necessariamente, à identidade social do sujeito, mas resulta de uma identidade que é discursivamente construída e que se baseia, entre outros aspectos, na capacidade de o indivíduo demonstrar que aquilo que ele diz corresponde à sua forma de pensar e que ele tem condições de concretizar as suas promessas. Ou seja, a credibilidade vem alicerçada a um “poder fazer” em que um indivíduo consiga provar que realmente possui determinado poder de realização. A efetivação dessa credibilidade, no entanto, nos diz Charaudeau, depende da satisfação simultânea de três condições principais: a sinceridade, a *performance* e a eficácia.

No que diz respeito ao grupo dos *ethé* de identificação, outra categoria apontada como compositiva do discurso político, Charaudeau (2006) entende que nele, de forma semelhante ao que acontece com os *ethé* de credibilidade, as figuras do *ethos* voltam-se ao mesmo tempo para o cidadão e para os valores de referência. Dentro da esfera do *ethos* de identificação, no entanto, as imagens são construídas a partir de um “afeto social”, uma situação em que o indivíduo pode estabelecer uma relação identitária (não racional) com determinado líder e/ou sujeito político. Segundo o autor, tais imagens podem ser construídas (ou utilizadas) de maneiras diversas pelos políticos, de acordo com seus objetivos e/ou interesses, mas algumas podem melhor caracterizar o grupo dos *ethé* de identificação como: o *ethos* de potência, o *ethos* de caráter, o *ethos* de inteligência, o *ethos* de humanidade, o *ethos* de chefe e o *ethos* de solidariedade.

Dentro do universo político, nos diz Charaudeau (2006), a valorização do *ethos* depende das circunstâncias e advém do domínio das representações sociais. O sucesso nesse jogo de construção identitária torna-se então resultado, basicamente, de uma conjugação de estratégias utilizadas pelo sujeito político que seja coincidente com uma eventual demanda por um *ethos* numa sociedade em um dado momento histórico, uma demanda às vezes vaga e inconsciente (nem sempre identificável com facilidade). Na hipótese desse cenário, acredita o autor, torna-se necessário (ou ao menos conveniente) que o *ethos* da instância cidadã seja capaz de reconhecer-se no espelho que lhe é apresentado pela instância do poder político, processo que seria possível graças à seleção e adoção de estratégias capazes de se valer dos mais diferentes *ethé*, de acordo com a situação. Em alguns momentos, os *ethé* de credibilidade poderiam ser os mais adequados ou teriam maiores impactos; noutros, poderiam ser decisivas estratégias envolvendo os *ethé* de identificação.

2.2 Ethos: o resultado de uma dupla identidade

Levando-se em conta algumas particularidades do nosso *corpus*, envolvendo uma figura política antes desconhecida do grande público, mas que ao mesmo tempo apresenta considerável aceitação em meio a grupos e/ou segmentos específicos, consideramos válido trazer para a discussão também outros aspectos desse jogo estratégico envolvendo o *ethos* de Áurea Carolina, especialmente no que diz respeito à categorização dessa identidade (social ou discursiva) que pode espelhar (ou não) a expectativa de uma dada coletividade.

Para refletirmos sobre esses aspectos, recorreremos ainda a Charaudeau (2006), que retoma a retórica aristotélica, principalmente, para tecer suas discussões acerca do papel do *ethos* enquanto estratégia no discurso político, dentro de um quadro em que o *logos* e o *pathos* são considerados também como meios discursivos capazes de influenciar um auditório.

[...] o *logos*, de um lado, que pertence ao domínio da razão e torna possível convencer; o *ethos* e o *pathos*, de outro, que pertencem ao domínio da emoção e tornam possível emocionar [...] Se o *pathos* é voltado para o auditório, o *ethos* é voltado para o orador (CHARAUDEAU, 2006, p. 113).

Em meio a questionamentos outros feitos acerca dessa categoria retórica, o autor indaga se o *ethos*, enquanto construção da imagem de si, liga-se à pessoa real que fala (o locutor) ou à pessoa como ser que fala (o enunciador); outro ponto questiona se a imagem de si diz respeito apenas ao indivíduo ou pode estender-se a um grupo de indivíduos. No que se refere ao primeiro ponto problematizado, o autor destaca que há defensores do *ethos* como um elemento pré-existente ao discurso e que se apoia na imagem do indivíduo, uma imagem formada a partir de suas características intrínsecas, sua própria personalidade. Por outro lado, há os adeptos da ideia de um *ethos* que se forma no ato da enunciação, dotado da intencionalidade de causar uma boa impressão, independente da sinceridade do sujeito falante. Esta posição, defendida pelos analistas do discurso, caracteriza o chamado *ethos* discursivo. Embora reconheça a existência desses pontos de vista distintos, Charaudeau (2006) acredita que o *ethos* seja mesmo o resultado de uma dupla identidade que acaba se fundindo em apenas uma. Uma identidade é a social, que se baseia no que o interlocutor sabe *a priori* acerca do sujeito falante; a outra é a identidade discursiva, que se manifesta no que é construído, dito acerca do locutor no ato da enunciação.

Quando mencionamos, algumas linhas acima, que o sujeito político pode trabalhar com estratégias na tentativa de suprir determinada demanda da sociedade por um tipo de *ethos*, não

queremos dizer que ele está diante de uma tarefa simples. Segundo sinaliza o próprio Charaudeau, mesmo que se possa jogar com essa dupla identidade nas mais diferentes estratégias discursivas, não se pode garantir ao locutor (ou sujeito que fala) uma interpretação fiel às suas intenções junto ao seu interlocutor ou (grifo nosso) público eleitor, no caso do sujeito político. Dessa forma, podemos dizer que:

[...] o *ethos* não é totalmente voluntário (grande parte dele não é consciente), tampouco necessariamente coincidente com o que o destinatário percebe, reconstruído ou construído; o destinatário pode muito bem construir um *ethos* do locutor que este não desejou, como frequentemente acontece na comunicação política. (CHARAUDEAU, 2006, p. 116).

Outro aspecto observado no desenvolvimento deste trabalho, e que coincide com o que deixa transparecer o nosso objeto de estudo, diz respeito a uma possível coincidência entre o *ethos* evocado por Áurea Carolina e os supostos *ethé* inerentes aos grupos aos quais a vereadora demonstra representar. Próximo dessa ideia que busca refletir sobre o *ethos* ser relacionado (ou não) a um grupo de indivíduos, Charaudeau (2006) vê a identidade do sujeito passando, necessariamente, por representações sociais que são configuradas como “imaginários sociodiscursivos”, ou seja, a visão que a sociedade tem acerca do indivíduo depende de “imaginários coletivos que ela constrói para si”. Com base na existência desse “*ethos* coletivo” (ancorado nas representações sociais), o autor nos diz que o *ethos* pode estar relacionado tanto ao indivíduo quanto a grupos. Diferentemente do *ethos* singular, no entanto, o *ethos* coletivo é possível de ser construído apenas a partir de uma visão *a priori* que surge de uma opinião coletiva em relação a um determinado grupo.

3 Representações e imaginários evocáveis do sujeito político

Na proposta em analisar o *ethos* do sujeito político, na verdade, remetemos à percepção da imagem de si como uma possível estratégia que esse sujeito deixa transparecer. De certa forma, o que prevalece são os imaginários acerca do que se espera de alguém que se coloca como representante de uma dada população, ou pelo menos, de uma parcela significativa desse grupo. Assim, consideramos importante entender os conceitos de imaginários e de representação social que perpassam nossa análise.

De acordo com estudos de Charaudeau (2006), o conceito de representação social é relativamente recente no âmbito da filosofia e das ciências sociais. De uma lógica inicial e

predominantemente matemática, foi preciso passar a aceitar no meio acadêmico uma lógica que levasse em conta também o sujeito e o pensamento social, no qual esse sujeito se insere, um pensamento que tende a mostrar que “o sujeito se constitui nas e pelas representações” (CHARAUDEAU, 2006, p.195).

Para Moscovici (2007) e Charaudeau (2005), é por meio das “representações sociais” que se busca explicar e justificar as práticas sociais, suas normas e suas regras. As representações corresponderiam então a explicações, descrições e classificações de coisas, pessoas, sentimentos, ações e acontecimentos levantados a partir das atividades de simbolização dos sujeitos em suas interações sociais. Elas surgem de uma necessidade de entendimento, de formação de convenções. Na perspectiva de Charaudeau (2006), trabalha-se com a noção de representação social como um mecanismo de construção do sentido que modela, formata a realidade em real significante, gerando formas de conhecimento da “realidade social”. As representações sociais funcionam, assim, como um modo de tomar conhecimento de um mundo socialmente partilhado, conferindo identidade coletiva a um grupo social e permitindo aos membros desse grupo construir uma consciência de si.

Charaudeau compartilha ainda da ideia de que as representações são “constituídas pelo conjunto de crenças, dos conhecimentos e das opiniões produzidos e partilhados pelos indivíduos de um mesmo grupo a respeito de um dado objeto social” (GUIMELLI *apud* CHARAUDEAU, p. 196). Dessa forma, podemos inferir que os saberes constituem as representações nas maneiras de ver (discriminar e classificar) e de julgar (atribuir um valor) o mundo. Nessa perspectiva, as representações são formas de saber (de conhecimento e de crença) que, por sua vez, são resultados de uma construção humana por meio do exercício da linguagem. Para Charaudeau (2007), os saberes de conhecimento referem-se ao olhar do homem voltado para o mundo; os saberes de crença, por sua vez, correspondem ao olhar do homem voltado para si mesmo.

No que se refere aos imaginários, o termo para Charaudeau (2005, 2006, 2007) adquire sentidos múltiplos e, em seu uso corrente, sugere algo que não tem realidade, existindo apenas na imaginação e fazendo jus a alguns sinônimos como mito, lenda, ficção etc. Dentre as várias concepções acerca do termo, no entanto, Charaudeau (2006) inclui a noção de imaginários ao âmbito da AD baseado na antropologia social, que entende a organização das sociedades humanas refletida como discursos nos rituais sociais, nos mitos e nas lendas. Ainda na

perspectiva de Charaudeau, o imaginário possui uma função dupla: a de criação de valores e a de justificação da ação.

Entende-se que o imaginário social é o que mantém uma sociedade unida por meio do mundo de significações. Essa noção de imaginário social como um “universo de significações fundador da identidade do grupo”, esse conceito introduzido pelo filósofo grego Cornelius Castoriadis (1922-1997) é compartilhada por Charaudeau (2006). Para o autor, o imaginário é da ordem do verossímil, por refletir a visão que o homem tem do mundo social, ou seja, trata-se do que é sempre possivelmente verdadeiro o que, em outras palavras, significa ser sempre um imaginário de verdade. Ainda, segundo Charaudeau (2007) a atividade de simbolização representacional do mundo se faz dentro de um domínio de determinada prática social (artística, política, educativa, religiosa etc.). Nesse sentido, torna-se coerente a relação entre a ordem social e as condutas que cimentam o elo social com a ajuda dos aparelhos de regulação - as instituições.

Os imaginários sociais podem ser representados pelos signos-sintomas (CHARAUDEAU, 2011) que são palavras ou fórmulas diversas que são reveladoras de maneiras de dizer e que permitem estudar as representações sociais. Os signos-sintomas podem ser representativos dos desejos de uma dada comunidade e assim, ao analisá-los pode-se perceber como os sujeitos se aproximam/representam seus grupos. Para o autor, o imaginário social é de dimensão variável, podendo alterar-se de acordo com a extensão do grupo, da memória coletiva do grupo que se constrói historicamente. No que diz respeito ao imaginário sociodiscursivo, em específico, Charaudeau o vê como um conceito criado para harmonizar a noção de imaginário ao campo da AD, propriamente dito, remetendo à hipótese de que o sintoma de um imaginário é a fala, sendo objeto da Análise do Discurso por meio de sua Teoria Semiolinguística.

4 Apresentação de análise do corpus

Conforme antes sinalizamos, a identidade do sujeito está atrelada a representações sociais que são configuradas como “imaginários sociodiscursivos”, indicando que a visão que a sociedade tem acerca do indivíduo depende de imaginários coletivos que essa mesma sociedade constrói para si. Dessa forma, procuramos nesta seção, à luz dos conceitos propostos por Charaudeau (2006), analisar as entrevistas de Áurea Carolina com o intuito de, primeiramente, tentar identificar os diferentes *ethé* evocados pela vereadora eleita,

discursivamente e também considerando traços de sua identidade social, e, sempre que possível, articulando esses elementos do *ethos* a possíveis representações e imaginários circulantes, especialmente neste caso em particular, no interior de grupos dos quais surgiu (e ganhou força politicamente) a candidata.

O *corpus* desta pesquisa é composto por duas entrevistas concedidas por Áurea Carolina. Com um perfil nada comum na Câmara de vereadores – mulher, jovem, negra e da periferia, tornou-se a vereadora mais votada na história da capital mineira, com 17420 votos. Na primeira entrevista, concedida ao jornalista Wallace Oliveira, foi veiculada sob o título “A mulherada preta e periférica tem poder”, afirma vereadora mais votada de BH, no dia 03 de outubro de 2016, ao site de notícias “Brasil de Fato”. A segunda entrevista intitulada “Ainda que poucas, nós resistimos”, diz áurea Carolina, vereadora negra mais votada em BH, foi concedida ao jornalista Matheus Moreira e foi veiculada na revista digital “Fórum”, no dia 06 de outubro de 2016.

4.1 Os *ethé* de credibilidade: seriedade e virtude em destaque

Considerando as figuras identitárias que compõem o grupo dos *ethé* de credibilidade (que são baseados no resultado de uma construção discursiva por parte do sujeito), podemos verificar que há uma tentativa (mesmo que implícita) de Áurea Carolina em suas falas preencher as condições necessárias para construir um *ethos* de sério (sinceridade), de virtuoso (*performance*) e, em certa medida, de competente (eficácia).

No que diz respeito ao *ethos* de sério, vê-se que ele se constrói, entre outros aspectos, com a ajuda de índices que "demonstram grande energia e capacidade de trabalho, onipresença em todas as linhas de frente da vida política e social, particularmente junto àqueles que sofrem." (CHARAUDEAU, 2006, p.120). Tais elementos associáveis a energia e capacidade para o trabalho, acreditamos, que parece estar presentes na própria figura (jovem e dedicada a uma causa) de Áurea Carolina, podem ser percebidos semanticamente também em algumas de suas falas, especialmente em termos que remetem à luta, força, empoderamento, resistência etc., repetidos algumas vezes pela vereadora eleita (principalmente na entrevista do *Brasil de Fato*), como podemos perceber nos trechos destacados abaixo:⁵

⁵ Consideramos neste trabalho as siglas TF-BdF e TF-FOR como “Trecho de Fala do Brasil de Fato” e “Trecho de Fala da Revista Fórum”, respectivamente.

TF-BdF1: É uma demonstração da *força das lutas* feministas, antirracistas, das lutas cotidianas que resistem na cidade. Essa vitória também é uma demonstração de que representatividade importa e que ter pessoas com esse perfil é realmente muito importante para avançarmos.

TF-BdF2: Sem dúvidas, o mandato vai ser um polo de *articulação das lutas*, debate crítico e proposição para a cidade. Um lugar para *lutar* contra a violação dos nossos direitos.

TF-BdF3: Ampliar o debate público. Nosso mandato pode ser um espaço para contribuir nesse *enfrentamento*. Por exemplo, o debate sobre gênero e sexualidade na educação, que vem sendo tão atacado, a gente pode abordar de outra maneira, em espaços da educação popular, propondo que as pessoas pensem juntas.

TF-BdF4: Que a mulherada preta e periférica *tem poder*, que podemos ocupar os espaços e que somos muitas e podemos muito mais, mesmo com toda essa onda de fascismo que estamos vendo. A política pode ser encantadora.

Outro aspecto, também caracterizador do *ethos* de sério, que é recorrente nas falas de Áurea está presente em trechos (vários) em que a candidata demonstra preocupação com os seus representados, uma compaixão por angústias e sofrimentos por que passam, principalmente, alguns grupos historicamente marginalizados da nossa sociedade, tais como a população negra, mulheres, indígenas, LGBTs etc., o que pode ser percebido, por exemplo, entre outras falas não listadas aqui, em TF-BdF1, TF-BdF4 e TF-FOR1.

Interessante notar ainda que, durante as entrevistas, Áurea faz algumas intervenções para falar de si, seja para mostrar que também faz parte de alguns desses grupos “marginalizados”, seja para falar de outros aspectos de sua trajetória pessoal e política. Tais passagens mostram-se aqui especialmente importantes, já que o *ethos* de sério “se constrói igualmente com a ajuda de declarações a respeito de si mesmo, sobre as ideias que guiam o político.” (CHARAUDEAU, 2006, p.121). Vejamos os trechos a seguir:

TF-BdF5: A minha eleição é uma demonstração disso. Eu não tenho *herança política*, não tenho *padrinhos políticos*, não sou *empresária*. Fiz uma *caminhada autônoma com movimentos sociais*.

TF-FOR1: Representatividade é ponto de partida para mim. Pela *minha história de vida*, pelo *meu corpo* e pela *construção política* que originou minha vitória. Há um campo amplo de *movimentos sociais feministas*, *negros*, *LGBTs*, *indígenas*, que possibilitaram que lançássemos uma *campanha coletiva da multiplicidade* que queremos junto com o PSOL.

Outro elemento dos *ethé* de credibilidade, o *ethos* de virtuoso supõe que o político, como representante do povo, é quem deve dar o exemplo, numa demonstração de sinceridade e fidelidade, acrescentada de uma imagem de honestidade pessoal. Segundo Charaudeau, esse gênero de imagens se constrói através do tempo, o que poderia ser um problema para o nosso objeto de estudo, já que Áurea (recém eleita) não conta ainda com uma trajetória política formal. Entendemos, no entanto, que apesar de Áurea não ser ainda conhecida do grande público, ela procura em suas falas demonstrar uma coerência entre pensamento e ação junto a um público específico e já conhecido, a sua militância, grupo que se identifica com as ideias defendidas pela candidata e que, certamente, contribuiu (significativamente) para a sua eleição.

Nesse sentido, considerando essa militância que caminhou junto com Áurea como sendo parte da própria instância cidadã, podemos dizer que o discurso da vereadora eleita em suas entrevistas vem acompanhado de uma atitude de respeito para com o cidadão (o que é uma das características do *ethos* de virtude), demonstrando ser no mais das vezes direto e transparente para com este público, uma vez que

"o *ethos* de virtude é uma resposta a expectativas fantasiosas da instância cidadã, na medida em que esta, ao delegar um poder, procura fazer-se representar por um homem ou por uma mulher que seja modelo de retidão e de honradez, ao menos, em visão nobre da política" (CHARAUDEAU, 2006, p. 124)

A demonstração de coerência entre pensamento e ação (ou vontade de agir), o que para Charaudeau está na capacidade de o político mostrar que é capaz de aplicar o que promete (condição de *performance*), aparece nas falas de Áurea Carolina, a nosso ver, em momentos que ela responde objetivamente a perguntas relacionadas a suas futuras ações, dentro de um quadro de demandas específicas e com as quais se vê comprometida. Se observarmos, por exemplo, o trecho em que Áurea propõe uma forma alternativa (e objetiva) de se discutir gênero e sexualidade na educação⁶ (ver em TF-BdF3), que é convidando diferentes grupos a pensarem juntos o assunto (de forma não impositiva), percebemos aí um conhecimento de causa por parte da vereadora eleita que demonstra, inclusive, estar ciente de que a maneira como vem sendo conduzido o assunto não tem surtido os resultados (positivos) esperados.

⁶ Assunto polêmico, a chamada teologia de gênero tem mobilizado vários setores da sociedade. Fonte: BRITTO, Patrícia; REIS, Lucas. Por pressão, planos de educação de 8 Estados excluem 'ideologia de gênero'; Folha UOL Educação. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/06/1647528-por-pressao-planos-de-educacao-de-8-estados-excluem-ideologia-de-genero.shtml>>. Acesso em: 23. fev. 2017

Essa “objetivação” das falas parece estar presente, ainda, em trechos em que a Áurea retoma a ideia de um mandato coletivo (ou compartilhado), possivelmente prometido durante a campanha, demonstrando o seu comprometimento em traçar as melhores estratégias para formatar e por em prática tal forma de participação popular, agora não mais na fala de uma candidata, mas na condição de eleita e de representante “oficial” de alguns grupos. Tais estratégias discursivas podem ser percebidas nos trechos a seguir:

TF-BdF6: Nós propomos um *mandato compartilhado*. As “*muitxs*”, a Cida e eu acreditamos que essa *construção* tem que se dar de modo que possamos tomar *decisões coletivamente*, fazer desse espaço um lugar de *educação popular*, de *desconstrução de privilégios*

TF-FOR2: Nesse primeiro momento iniciaremos o desenho do mandato. Nos comprometemos a cumprir um *mandato coletivo* e agora precisamos dar formato para isso. Quais serão os *mecanismos de participação*, como iremos compor o gabinete, como destinar os recursos.

Dos três elementos para se formar os *ethé* de credibilidade, à condição de eficácia (ligada ao *ethos* de competente) talvez seja a que menos a vereadora eleita possa responder num primeiro momento. Se recorrermos a Charaudeau (2006), temos que o *ethos* de competência exige, ao mesmo tempo, saber e habilidade do político, o que Áurea demonstra possuir em certa medida, se considerarmos sua visível experiência na militância e considerável conhecimento de algumas causas com as quais se identifica. O autor afirma, no entanto, que

é pela visão do conjunto do percurso de um político que se pode julgar seu grau de competência (o que coloca um problema para os jovens que começam na política e não podem ainda se valer de um longo percurso) (CHARAUDEAU, 2006, p.125)

Dessa forma, em concordância com o que diz Charaudeau, vemos que a construção discursiva de um *ethos* de competente de Áurea pode ficar comprometida, principalmente nessas suas falas iniciais, já que a vereadora eleita ainda não conta com parâmetros concretos de uma eventual atuação (positiva) que possa ser discursivamente trabalhada. Falta à Áurea, neste momento, conhecer todas (ou as principais) as engrenagens da vida pública, o que nos parece natural pela sua juventude e inexperiência como agente político.

4.2 Os *ethé* de identificação: um aceno para a solidariedade

Considerando o *ethos* como o resultado de uma dupla identidade, como diz Charaudeau (2006), podemos dizer que, além de traços dos *ethé* de credibilidade (advindos de uma construção discursiva), como vimos acima, Áurea Carolina apresenta também em seu discurso ao menos um elemento garantidor de uma considerável identificação com o público, que está, a nosso ver, ancorado a um *ethos* de solidariedade, sobre o qual discutiremos um pouco mais adiante.

Relembrando alguns aspectos gerais dos *ethé* de identificação, vemos que se trata de uma imagem a ser construída a partir de um afeto social, um processo em que o indivíduo (muitas vezes inserido em um ambiente demandante por um determinado *ethos*) esteja propício a desenvolver uma relação identitária com uma liderança e/ou sujeito político. Nesse sentido, mediante um estado de identificação irracional, o cidadão acaba fundando sua identidade na do próprio político.

Para Charaudeau (2006), a tentativa de descrição e classificação dos tipos de imagens caracterizadoras do *ethos* de identificação não é tarefa fácil, uma vez que tais imagens devem (ou deveriam) tocar o maior número de pessoas advindas de grupos heterogêneos e, de certa forma, vagos, do ponto de vista dos imaginários. Sabedores disso, os políticos costumam jogar com valores opostos (até contraditórios) na expectativa de conquistar a adesão de grupos mais heterogêneos possíveis, destaca o autor. No caso específico que aqui analisamos, essa preocupação exagerada em jogar com os opostos parece não existir. Isso porque Áurea Carolina fala, já como vereadora eleita, por meio de veículos de uma mídia não tradicional, a um público específico e já conhecido (talvez a maioria eleitores) que espera reforçar com a nova liderança uma relação identitária já em curso.

Atentando para as imagens de Áurea que melhor coincidiriam com os *ethé* de identificação, chamou a atenção num primeiro momento algumas características do *ethos* de humanidade em que, segundo Charaudeau (2006), o ser humano seria mensurado pela sua capacidade de demonstrar seus sentimentos e sua compaixão pelos mais sofridos, que no caso de Áurea estariam nas figuras dos negros, mulheres, indígenas, populações LGBTs etc. Ampliando a análise das falas de Áurea, no entanto, e no próprio desdobramento dos conceitos de Charaudeau, vimos que o discurso da vereadora eleita vai além da simples compaixão (ligada ao *ethos* de humanidade e que denota alguém que se emociona pelo sofrimento alheio, apesar de não sofrer). Vejamos os trechos destacados nas falas a seguir:

TF-BdF2: Sem dúvidas, o mandato vai ser um polo de articulação das lutas, debate crítico e proposição para a cidade. Um lugar para lutar contra a violação dos *nossos direitos*.

TF-FOR1: Representatividade é ponto de partida para mim. *Pela minha história de vida, pelo meu corpo e pela construção política que originou minha vitória*. Há um campo amplo de movimentos sociais feministas, negros, LGBTs, indígenas, que possibilitaram que lançássemos uma campanha coletiva da multiplicidade que queremos junto com o PSOL.

Como podemos perceber nos trechos acima, por exemplo, Áurea não somente demonstra que está atenta às necessidades de alguns grupos, mas se inclui neles também, partilhando e se tornando responsável pela satisfação de suas necessidades, o que se aproxima aí de um *ethos* de solidariedade. Uma solidariedade que “caracteriza-se pela vontade de estar junto, de não se distinguir dos outros membros do grupo e, sobretudo, de unir-se a eles a partir do momento em que se sentirem ameaçados” (CHARAUDEAU, 2006, p.163).

Outro aspecto igualmente importante na caracterização desse *ethos* de solidariedade evocado por Áurea está, a nosso ver, no próprio uso dos meios de comunicação (entrevistas pós eleições para revistas/site) para que ela manifeste e/ou reforce um processo identitário, especialmente na reafirmação e/ou defesa de valores e ideias associáveis a grupos diversos. Tais declarações vêm afirmar a existência e a vontade de um ou, no caso de Áurea, de mais grupos com os quais se identifica.

4.3 Áurea, as representações de si e os imaginários

No que diz respeito à representação de si e dos grupos com os quais se identifica, a candidata eleita deixa transparecer em sua fala, por meio de alguns sintagmas, que compartilha de uma experiência em comum com seus eleitores. Assim, ao se colocar como parte de uma minoria marginalizada (*feministas, antirracistas, mulherada preta e periférica, negros, LGBTs - “Muitxs”⁷, indígenas*), ela demonstra compreender esse universo por ser parte dele e, portanto, (re)conhecer as *lutas cotidianas* e a necessidade de resistência. Nesse caso, ela ocupa a frente de batalha, projetando uma liderança que propõe como compartilhada, como pode ser visto em expressões como *mandato compartilhado, decisões coletivamente, mandato coletivo*,

⁷ Trata-se de um grupo belorizontino que representa a diversidade de gênero e sexualidade. Na expressão a letra “x” pretende se referir a uma terceira forma de gênero diferente do “a” (feminino) e do “o” (masculino). Dessa forma, expressa-se linguisticamente a multiplicidade de gêneros.

mecanismos de participação. Nas falas marcadas, há uma referência aos imaginários das constantes lutas que são travadas por esses grupos sociais “menos favorecidos”. Ainda, nesse discurso, percebe-se um imaginário voltado para a imagem da mulher guerreira (heroína) disposta a enfrentar as diferentes batalhas que possam surgir no intuito de fazer valer essas vozes que ela diz representar.

Diante de um quadro atual de descrença no sujeito político tradicional, como antes sinalizamos, Áurea Carolina parece surgir como uma alternativa ideal no imaginário de alguns segmentos da população. Assim, ela se projeta como aquela que não possui *herança e/ou padrinhos políticos* e não é empresária, marcando certa distância de um imaginário negativo que povoa o universo político. A candidata, por outro lado, buscou construir sua campanha ancorada em um discurso de luta (*contra violação de nossos direitos, ocupar espaços, movimentos sociais, empoderamento, enfrentamento, articulação, debate público, debate crítico e de resistência*). Se considerarmos a expressiva adesão à candidatura de Áurea em tempos atípicos, como os de 2016, podemos dizer que a estratégia desse “novo fazer discursivo” encontra eco nos seus próprios eleitores, que aderiram a tal discurso por se identificarem coletivamente com as propostas da candidata

Considerações finais

Atendendo aos objetivos propostos por este trabalho, pode-se identificar no discurso de Áurea Carolina, os principais imaginários e representações que circulam nos grupos de minorias. Nas duas entrevistas concedidas aos jornais Brasil de Fato e Revista Fórum, a vereadora eleita deixa transparecer uma imagem de si que remete à luta, força, empoderamento e resistência dos grupos de minorias. Assim, ao relatar aspectos de sua trajetória pessoal e política ela se identifica com o seu eleitor e faz com ele se sinta representado por ela. Reforçado pela imagem de mulher, jovem, negra, da periferia e “sem apadrinhamento político”, ela consegue se aproximar do público que busca representar.

Tal constatação nos faz perceber ainda que os imaginários circulantes em torno desse sujeito político envolvem a crença de que a sua proximidade com as classes menos favorecidas possa ser uma das senhas para legitimá-la como representante desses grupos. Dessa forma, podemos interpretar que, no discurso da vereadora, ao falar de falar de si, ela posiciona-se como parte de alguns desses grupos “marginalizados”. Um dos elementos garantidores dessa

identificação com o público, parece estar ancorado nos *ethé* de identificação (*ethos* de solidariedade e *ethos* de humanidade) que está presente nas diferentes falas de Áurea.

O que pode ser, também ser avaliado em seu discurso são as lutas sociais em prol dos direitos de todos aqueles que precisavam e queriam ser representados dentro do espaço político tradicional. Dessa forma, podemos concluir, também, que o discurso faz emergir vozes muitas vezes invisibilizadas pela falta de representatividade. Para compreender como os imaginários e representações estão presentes no *ethos* construído pela vereadora na escalada do poder, apontamos o discurso coerente com a minoria marginalizada composta por feministas, antirracistas, mulheres negras e da periferia, negros, LGBTQs, indígenas. E é por meio dos *ethé* de credibilidade (sinceridade, virtude e competência), que ela demonstra compreender esse universo. Na verdade, ela se coloca como parte desse universo e, portanto, tem credibilidade para representar as minorias.

A “campanha coletiva da multiplicidade” da vereadora traz um discurso que se baseia no direito à identidade, no igualitarismo e na solidariedade, construindo o imaginário da “Soberania popular” (mito da democracia). A vereadora, já possuidora de uma imagem de cidadã (ativista) com representatividade e militância pelos direitos de uma parcela da população consegue atrelar sua história à representação política condizente com a “realidade” de seus representados (eleitores). Dessa forma, o que se pode constatar, com o resultado das urnas, foi a avaliação positiva do povo com relação ao novo perfil que se espera do sujeito político, justificando a vitória a partir da imagem de si (condizente com o imaginário popular de representatividade política) que a candidata fez prevalecer.

A hipótese de que a eleição da vereadora com uma margem de votos tão significativa poderia caracterizar uma “nova forma de fazer política” pode ser compreendida pela imagem que a candidata eleita construiu. Ela atrelou a imagem do cidadão que conhece as mazelas da vida cotidiana com a imagem do sujeito político, ancorando sua campanha em um discurso de luta contra violação dos direitos, ocupação de espaços, movimentos sociais, empoderamento feminino, enfrentamento, articulação, debates público, debate crítico e resistência.

Nesse sentido, entendemos que, uma confluência de fatores culminou na eleição de Áurea Carolina, porém destacamos que, do ponto de vista linguístico-discursivo, fica nítida uma construção identitária pautada, sobretudo, na coerência entre uma postura social da então candidata e suas estratégias discursivas. Isso equivale a dizer que essa “dupla identidade” fez nascer um *ethos* particular que dialoga com outro, coletivo, um *ethos* coincidente com a postura

e demandas de grupos historicamente marginalizados. A imagem de si construída pela vereadora é identificada pelo público que a elegeu e este grupo se sente representado por ela por percebê-la como uma integrante do mesmo.

Referências

BRITTO, P.; REIS, L. Por pressão, planos de educação de 8 Estados excluem 'ideologia de gênero'; *Folha UOL Educação*. 2015. Disponível em:

[<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/06/1647528-por-pressao-planos-de-educacao-de-8-estados-excluem-ideologia-de-genero.shtml>]. Acesso em: 23 fev. 2017.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucena, 2005. p. 11-27.

CHARAUDEAU, P. *Discurso Político*. 2.ed. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. Dize-me qual é teu corpus, e te direi qual é a tua problemática. *Revista Diadorim/Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Vol. 10, dez. 2011.

CHARAUDEAU, P. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: LARA, G. P., LIMBERTI, R. P. (Orgs.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 13-29.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER H. (Dir.). *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*, L'Harmattan, Paris, 2007. s.p. Disponível em: [<http://www.patrick-charaudeau.com/Les-stereotypes-c-est-bien-Les.html>] Acesso em: 24 jun. 2015.

MOREIRA, M. Ainda que poucas, nós resistimos”, diz Áurea Carolina, vereadora negra mais votada em BH. *Revista Forum*. 06 out.2016 às 16:19. Disponível em: [<http://www.revistaforum.com.br/2016/10/06/entrevista-ainda-que-poucas-nos-resistimos-diz-aurea-carolina-vereadora-negra-mais-votada-em-bh/>] Acesso em 19 fev. 2017

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, W. A mulherada preta e periférica tem poder, afirma vereadora mais votada de BH. *Brasil de fato*. 03 out. 2016 às 19:02. Disponível em: [<https://www.brasiledefato.com.br/2016/10/03/a-mulherada-preta-e-periferica-tem-poder-afirma-vereadora-mais-votada-de-bh/>] Consulta em 19 fev. 2017

PÚBLICA, Agência. Herdeiros de políticos ocupam metade da Câmara. *Congresso em Foco*. 03 fev. 2016 às 10:15. Disponível em: [<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/herdeiros-de-politicos-ocupam-metade-da-camara/>] Acesso em: 02 mar. 2017

SPIVAK, G.C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

